

# CARTA AOS AMIGOS DO MUNDO

Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo



Movimento internacional ATD Quarto Mundo  
107, avenue du Général Leclerc - 95480 Pierrelaye - France

FEVEREIRO DE 2011 – N° 76

## Eliminar a extrema pobreza será uma utopia ?

Há séculos que a miséria apavora a humanidade. Há séculos que crianças, homens e mulheres são destruídos pela fome, vivem presos dentro de sua ignorância, dentro da dependência e da humilhação.

O mundo ficou aflito com o espectro da recessão econômica e de suas dramáticas consequências. Mas não deveria ele ter começado a afligir-se há já muito tempo ? E como não haveremos de nos preocupar vendo que, tendo resolvido os problemas mais agudos da crise econômica e financeira, o desafio da erradicação da miséria volta a passar para o segundo plano ?

Neste mundo focalizado sobre o dinheiro, deveriam adotar-se novos princípios de modo a impedir que centenas de milhões de pessoas mergulhem na pobreza e para sairmos desta crise permanente "do bilião que está por baixo" – segundo as palavras do Secretário Geral das Nações Unidas – esse bilião de pessoas que não sabem se poderão comer no dia seguinte, que não sabem se poderão conservar o pobre teto que as protege ou se poderão dar aos filhos uma perspectiva de futuro.

Um certo número de pessoas vivendo na maior miséria mostram nesta "Carta", através de seus testemunhos, que liberdade e solidariedade, direito e responsabilidade são valores inseparáveis. Elas levam-nos a procurar todos juntos aquilo que define o homem e o seu futuro, a procurar como

tomar em consideração o outro, com sua história e sua visão do mundo, com sua singularidade e sua universalidade.

Graças à Associação MATI do Bangladesh, uma mãe consegue revelar uma aspiração profunda: "Sou pobre, mas sinto-me feliz por poder contribuir". Na Turquia, fundando o Hospital dos Leprosos e a Associação de Luta contra a Lepra, uma médica opõe-se a que doentes sofrendo dessa doença sejam fechados num gueto longe dos outros. O Grupo dos Agricultores e Criadores de Gado da República Democrática do Congo assume a missão "de fazer compreender aos seus compatriotas, que as diversas distribuições de mantimentos ou de outras coisas, não irão nunca desenvolver o país". Na Etiópia, o lançamento de uma biblioteca pela associação "Deixem-me ser criança", proporciona a crianças vivendo na miséria "uma oportunidade formidável, porque assim podem aprender de graça".

"Deixem-me ver, / Com os meus olhos de criança, / A pobreza a acabar / E uma nova esperança surgir no ar !", escreve uma jovem aluna portuguesa. Então, eliminar a pobreza será uma utopia ? Não ! Será, sim, uma vontade firme de avançar.

Huguette Redegeld



### ● A alegria de ter uma biblioteca

A Associação germano-etíópia "Deixem-me ser criança !" ("Let me be a child") foi fundada em 2004. Os seus objetivos pretendem dar uma resposta aos problemas econômicos, psico-sociais e educativos das crianças desfavorecidas, visto que a maioria destas é órfã ou vive em famílias de uma grande pobreza. A Associação começou por se encarregar de 15 crianças. Mas cada vez foram chegando mais e, com o apoio financeiro de pessoas vivendo na Alemanha, a Associação comprou uma casa chamada "A Ilha". Trata-se de um centro de acolhimento que ajuda as crianças durante o dia ; atualmente elas são 45. Para elas não perderem o contato com suas famílias ou comunidades, as crianças vivem em casa de pessoas da família ou em casa de amigos chegados. A Associação colabora na sua educação de mil e uma maneiras. Vejam o que eles contam sobre a biblioteca:

Em 2007, tivemos a ideia de fazer uma biblioteca no âmbito do nosso projeto « Deixem-me ser criança ! », em Adis Abeba. Comprámos livros escolares para ajudar as crianças

ao saírem da escola. Muitas pessoas ofereceram gentilmente os seus próprios livros.

Em 2008, Nasrin Siege começou a trabalhar conosco. Nasrin, de nacionalidade alemã, é autora de livros para crianças e vem uma vez por semana para ler com as crianças histórias Tapori <sup>(1)</sup>. Ela tira sempre fotocópias de cada minilivro para que cada criança tenha um exemplar. Foram estes minilivros que as inspiraram para escreverem a sua própria história Tapori: « Tariku ».

Nasrin falou-nos sobre uma biblioteca de rua em que ela tinha participado em Madagáscar e foi assim que tivemos a ideia de fazer algo similar. Aos poucos a ideia foi amadurecendo até criarmos uma pequena biblioteca. Com o apoio de uma ONG alemã, « Help for Africa », comprámos uma estante e o material necessário. A nossa estante depressa se encheu graças a donativos suplementares de livros.

(1) www.tapori.org

.../...

Enquanto montávamos a nossa biblioteca, dois membros da associação e duas crianças que participavam no projeto foram ao Instituto Goethe. Foi lá que nos aconselharam para prepararmos os livros de modo a que as crianças pudessem começar a levá-los para casa. Eles realmente adoram os livros!

Ficamos muito felizes por ter agora uma biblioteca ao nosso dispor ! Hanna, Girma, e eu própria ajudamos a fazê-la funcionar. Ela constitui uma oportunidade formidável para

as crianças que participam no nosso projeto, porque agora podem aprender de graça e lá encontram a ajuda e o apoio de que precisam. Ficamos felizes porque elas podem levar livros emprestados quando querem, a qualquer momento. É maravilhoso saber que temos tantos amigos espalhados pelo mundo que nos ajudam, para que nós possamos assim ajudar as crianças. Muito obrigada por serem nossos amigos !

HANNA ET TERESA, « LAISSEZ-MOI ÊTRE UN ENFANT », ÉTHIOPIE

### ● Sinto-me feliz por poder contribuir.

MATI é uma pequena organização implantada no norte do Bangladesh e engajada com as famílias mais excluídas da sociedade. Atuando em espírito de verdadeira parceria, MATI tem como objetivo desenvolver projetos que respondam às necessidades dos mais desamparados e que transformem suas vidas. Através de suas ações, MATI procura demonstrar de forma visível que está ao lado dos mais pobres, compartilhando as numerosas dificuldades que eles encontram. Ela compartilha também a alegria deles, profundamente enraizada na alma do povo do Bangladesh, independentemente da situação. Um membro da MATI conta o que fizeram no 17 de Outubro :

No caminho de regresso a casa, depois de terem comemorado o 17 de Outubro, vários adolescentes que moravam numa favela disseram-nos : « Foi o mais belo dia da nossa vida ! ». E seguimos conversando alegremente até chegar a hora de nos separarmos. Como foi bom ouvir aquilo ! Fiquei muito feliz. Afinal a nossa vontade de reunir ricos e pobres tinha dado certo.

Como o 17 de Outubro era no mesmo dia de uma das grandes festas « Hindu Pujas » do Bangladesh, tínhamos adiado o nosso programa para o dia 19. Senão ele teria passado completamente despercebido.

Tínhamos comemorado o 17 de Outubro pela primeira vez no ano passado com um grupinho de ajudantes voluntários. Este ano, os 23 membros do pessoal da organização MATI ajudaram na preparação do evento. Queríamos um programa com a intervenção de ricos e de pobres, para que ninguém se sentisse excluído. Tínhamos resolvido oferecer uma refeição gratuita, propondo uma contribuição àqueles que podiam ajudar nas despesas.

Todo o nosso pessoal passou um dia inteiro reunindo os produtos necessários para a refeição. Estes produtos foram oferecidos pelos comerciantes e pela população local. Uma mulher pobre doou algumas batatas dizendo : « Sou pobre, mas sinto-me feliz por poder contribuir com alguma coisa. » No fim, acabámos por receber tantas coisas que resolvemos fazer uma rifa com o que sobrava. Também fizemos um « cantinho de desenho » para as crianças, e um artista local pintou um belo estandarte onde havia uma « árvore de desejos ». Recortámos frutas de papel, velas, pássaros e corações para as pessoas escreverem os desejos e os colocarem na árvore. A maioria das crianças só queria ter os nomes escritos nos cartões e prendê-los à roupa.

A rifa teve imenso sucesso. Os bilhetes podiam ser comprados pela módica quantia de 5 Tk, e depressa os condutores de rickshaw e as mulheres do bairro se puseram a dançar alegremente quando ganhavam pacotes de lentilhas ou de arroz (estes prêmios eram muito mais caros do que o preço dos bilhetes).

Para gerar uma reflexão, tínhamos pintado um estandarte com o refrão do hino nacional do Bangladesh : « Amar shunor Bangladesh... » (« Meu Bangladesh de ouro... »). E tínhamos colado à volta fotografias de habitantes ricos e pobres do país, com o passaporte na mão. Por baixo, tínhamos escrito : « Se o Bangladesh deve ser de ouro para cada habitante, então temos que partilhar as riquezas. »

Durante a reunião de avaliação que fizemos com os membros da organização, viu-se claramente que o que mais fora apreciado tinha sido ver a alegria que eles tinham criado no coração de tanta gente. Estavam felizes por terem organizado aquela bela festa unicamente com os donativos das pessoas do bairro.

ANDREA R., MATI,  
BANGLADESH



## ● A mudança deve vir da própria comunidade

Na província do sul do Kivu, a cidade de Uvira eleva-se na margem do lago Tanganica. Há já alguns anos que a população sofre muito por causa da guerra e dos crimes cometidos por vários grupos armados. Um certo número de adultos, motivados pelas mesmas preocupações, fundaram o Grupo dos Agricultores e Criadores de Gado de Uvira (GCEU). Cultivam arroz, trigo, batata doce, mandioca, cebolas e legumes. Têm pequenas criações de porcos, cabras, galinhas e abelhas.

Um dos membros explica : « Antes, eu não sabia dialogar com outras pessoas. Aprendi a fazer isso graças a este grupo, e também a procurar com os outros soluções para a miséria e a viver solidariamente com os vizinhos. »

Os membros do grupo impressionaram-se com as condições de vida de muitas crianças. Após uma troca de correspondência com o Movimento Tapori (ramo infantil do Movimento ATD Quarto Mundo), do qual agora todos passaram a ser animadores, resolveram reunir as crianças, três vezes por mês. Outro membro explica : « Organizamos jogos que mostram, por exemplo, que não fazer nada ou andar a mendigar não leva a nada na vida. Certas crianças mudaram de comportamento. Também é importante desenvolver a imaginação das crianças. Ensinei-lhes a fazer carrinhos de arame, bonecos, casas... Isso poderá ajudá-los mais tarde. »

Paralelamente, insiste uma senhora, membro do grupo : « Muitas vezes, as crianças ajudam-nos. Por exemplo, quando morre aqui alguém, as pessoas dão o que podem



para ajudar a família de luto ; frequentemente, são as crianças que lembram aos pais que têm de contribuir. As crianças não se limitam a aprender conosco, nós também aprendemos com elas. »

Para todos os membros do grupo é muito importante receber a « Carta de Tapori » ou a « Carta aos Amigos do Mundo ». « Dá-nos força e coragem, e faz-nos conhecer outros países. » E acrescentam : « Nós também gostaríamos que nos conhecessem no mundo inteiro. »

As atividades dos membros do GCEU, quer seja a agricultura, a criação de gado ou com as crianças Tapori, levaram-nos a refletir sobre o desenvolvimento. « Aqui, é costume ver as organizações internacionais através do dinheiro e dos auxílios de toda a espécie que elas nos dão. Com muitas ONGs o desenvolvimento não parte da base, da realidade, nem dos pontos de vista das comunidades ; vem de cima, e enfraquece as comunidades em vez de as unir. Nós temos a grande responsabilidade de compreender e de fazer compreender aos nossos compatriotas, que as diversas distribuições de mantimentos ou de outras coisas que se tornaram habituais no nosso país, não irão nunca desenvolver-nos, e que ao contrário cada vez nos mergulharão mais na miséria. A mudança deve vir da própria comunidade e não do exterior. »

*GROUPE DES CULTIVATEURS ET ÉLÈVEURS D'UVIRA (GCEU),  
RÉPUBLIQUE DÉMOCRATIQUE DU CONGO*

## ● Um apoio para as pessoas portadoras de hanseníase (lepra)

Grças à dedicação e à perseverança da Professora Dra. Türkan Saylan, um certo número de pessoas com lepra puderam ser tratadas no Hospital dos Leprosos, fundado em Istambul em 1976. A Dra. Saylan foi diretora deste hospital durante 24 anos, até se aposentar, e foi também Presidente da Associação de Luta contra a Lepra que fundara no mesmo ano. Ela faleceu em 2009.

Durante muito tempo, os doentes com lepra ficavam isolados dos outros pacientes de um hospital psiquiátrico. Para remediar a situação, de modo que eles pudessem receber cuidados específicos, fundou-se um Hospital de Leprosos dentro do terreno do hospital psiquiátrico.

O Ministério da Saúde e a Universidade de Istambul só podiam assumir as despesas do tratamento dos doentes (salário de médicos e enfermeiros, operações, próteses, medicamentos, etc.). Então, a Dra. Saylan fez tudo para criar, paralelamente ao hospital, uma Associação de Luta contra a Lepra (Cüzamla Savaş Derneği) para cobrir todas as despesas relativas ao pessoal de serviço (limpeza, cozinha... ) e as despesas relativas a um programa de auxílio social que, a seu ver, era tão fundamental como o próprio tratamento médico. Os doentes são tratados até falecerem, e o cuidado da Associação estende-se também às famílias. Este apoio à vida dos doentes é o único que existe em todos os países onde há lepra.

Este programa de auxílio social vive unicamente de donativos, e estes infelizmente são cada vez mais raros.

Ele consiste em:

- alfabetizar os doentes durante a sua estadia no Hospital ;
- financiar as despesas das viagens feitas para os tratamentos ;
- financiar numerosos projetos para facilitar a reinserção social dos doentes nas suas aldeias, fornecendo-lhes meios para poderem sobreviver (aprendizagem de um ofício, atribuição de vacas ou ovelhas, ou de uma loja para vender jornais...). Dar aos doentes a possibilidade de serem economicamente independentes é extremamente importante para eles poderem ser olhados com consideração no seio da sua comunidade ;
- escolarizar os filhos graças a bolsas de estudos (72 crianças no ano letivo 2010-2011) ;
- pagar a segurança social dos doentes mais idosos até ao seu falecimento ;
- pagar as mensalidades que faltam para os doentes poderem beneficiar duma pensão de aposentadoria ;
- dar um auxílio financeiro mínimo aos doentes idosos sem recursos, vivendo permanentemente em diferentes centros hospitalares.

Pouco tempo depois do falecimento da Dra. Saylan em Dezembro de 2009, o Hospital foi fechado. Só ficou um serviço com o nome da Dra. Saylan, consagrado à lepra, no seio do antigo hospital que é agora um centro de pesquisa científica.

A « Associação de Luta contra a Lepra » ainda existe, felizmente, e continua realizando o seu programa de ação social apesar de todas as dificuldades.

*EMMANUELLE R., TURQUIA*

• « Tivemos que sair da escola por causa das nossas dificuldades. Durante anos seguidos andávamos como vagabundos sem saber o que fazer. Agora só queremos conseguir chegar a alguma coisa. Queremos levantar a cabeça porque as nossas famílias ainda vivem com muitas necessidades. Alguns de nós têm que ser catadores de lixo, outros têm que ir buscar água ou arranjar de comer. Antes, muitos de nós tinham vergonha, mas hoje conseguimos falar com as pessoas e expor as nossas ideias. Aprendemos a estudar. Até dois anos atrás, nenhum de nós tinha tocado num computador, alguns até nunca tinham visto nenhum. Mas só desejávamos ser como todos os outros jovens. Queríamos sair daquela vida. Na sociedade, há pessoas que nos desmoralizam, que não acreditam nas nossas capacidades e que dizem que os pobres e os maltrapilhos não merecem aprender informática. Ficamos muito contentes por podermos provar que elas não têm razão. Agora a nossa vida tem uma perspetiva de futuro. »

*Testemunho em nome de 40 jovens que estão em formação de informática no âmbito do projeto « Trabalhar e Aprender em Conjunto », Madagáscar.*

• Li com muito interesse a Carta aos Amigos do Mundo, que achei muito rica em ensinamentos e cheia de iniciativas corajosas. É realmente necessário saber o que fazem e pensam os outros sobre uma questão de interesse universal. (...) O que li na Carta veio confirmar o essencial do meu modo de ver, o que me dá ainda mais vontade de me aproximar dos desfavorecidos. Nos Camarões, o problema da formação básica é encarado seriamente. É preciso formar os jovens para eles fundarem famílias responsáveis. (...) A grande miséria está onde a população não é devidamente escolarizada. O testemunho de Gisela Antunes R., o de Yuri V. do Peru, o de Raquel L. da Zâmbia, mostram que o problema da extrema pobreza no mundo é, antes de mais nada, um problema de emancipação dos indivíduos.

*Léonard B., Camarões.*

• Segundo o nosso desejo de eliminar a pobreza dos mais desfavorecidos, temos acompanhado e ajudado uma família cujo pai, com a perna direita doente, estava impossibilitado de construir uma casa e de mandar os filhos à escola. Ele anda com um bengala que ele próprio fabricou. Os trajetos mais longos custam-lhe muito. Os membros da nossa associação construíram-lhe duas casas de tijolo com o telhado de palha. Nós pagamos a escolarização, quer dizer as despesas escolares, durante três anos, dos dois filhos que já acabaram o ensino básico. Os dois meninos recebiam algum material escolar que não era suficiente porque o organismo que se encarregava disso não cobria todas as disciplinas. Fomos nós que tivemos de completar.

*Mahmud Ali K., Presidente, Fomap Nyarugusu Refugees Camp, Tânzania*



## Sim, eu já vi...

Sim, eu já vi  
Um pobre com roupas rasgadas  
Mas remendadas  
Com peças usadas...

Sim, eu já vi  
A tristeza nos olhos daquele menino  
Que apesar de ser pequenino  
Tem que trabalhar para se sustentar...

Sim, eu já vi  
Pessoas maltratadas  
À espera de serem acarinhadas  
Com um simples cobertor...

Sim, eu já vi,  
Na rua, aquela criança  
A mendigar  
E que agradece tudo o que se possa dar...

Sim, eu já vi,  
Um dia, no hospital onde tudo corria mal,  
Pobres humanos ali deitados  
À espera de serem curados...

Sim, eu já vi  
Muita pobreza,  
Muita infelicidade,  
Nas ruas desta minha cidade...

Mas... deixem-me ver,  
Com os meus olhos de criança,  
A pobreza a acabar  
E uma nova esperança surgir no ar !

*Ana Rita de Sousa Coelho,  
alumna de 6<sup>º</sup> del Colegio de Agrela, Portugal*

Poderá também enviar-nos os seus comentários e as suas experiências para o site : [www.atd-quartmonde.org/-Portugal](http://www.atd-quartmonde.org/-Portugal) ou mandar-nos um mail para [forum.permanent@atd-quartmonde.org](mailto:forum.permanent@atd-quartmonde.org)

O «Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo» é uma rede de pessoas empenhadas no desenvolvimento de uma amizade e de um conhecimento mútuos, a partir do que vivem e nos ensinam as populações pobres e muito pobres: aquelas que acumulam várias precariedades ao nível da educação, do alojamento, do trabalho, da saúde e da cultura; aquelas que são as mais rejeitadas e as mais criticadas. O Fórum é um convite à adesão de todos os que aspiram a uma forte participação numa corrente de pensamento e de acção que tem como prioridade a recusa da miséria no mundo, declarando-a intolerável e provocando a construção de comunidades onde os mais pobres, munidos dos direitos fundamentais, possam assumir as suas responsabilidades em pé de igualdade e em parceria com os outros. Esta corrente exprime-se através da *Carta aos Amigos do Mundo* que publica as mensagens dos nossos correspondentes três vezes por ano em francês, inglês, espanhol e português, graças ao trabalho de tradutores profissionais que oferecem os seus serviços gratuitamente. O Fórum Permanente é fomentado pelo Movimento ATD Quarto Mundo, OING (organização internacional não-governamental) com sede em Pierrelaye, França e permite a todos os que nele participam guardarem a sua identidade, não passando, por isso, a ser considerados membros de ATD Quarto Mundo.

O nosso endereço E-mail: [forum.permanent@atd-quartmonde.org](mailto:forum.permanent@atd-quartmonde.org) Internet : [www.atd-quartmonde.org](http://www.atd-quartmonde.org) Assinatura anual: \$8 / €8 Assinatura de apoio: \$10 / €10. © Movimento internacional ATD Quarto Mundo – tipografia ATD – Méry-sur-Oise – N°76 - Fevereiro de 2011.

**OS DESENHOS SÃO DE  
HÉLÈNE PERDEREAU  
QUE, HÁ MUITO,  
OS OFERECE GRATUITAMENTE  
AO MOVIMENTO ATD  
QUARTO MUNDO.**

**PAGINAÇÃO :  
L. ROUFFET**